



LIVRO 4

A MALDIÇÃO DOS ANCESTRAIS

MATT DE LA PEÑA

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Curse of the Ancients

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Chris Nurse e Cheung Tai

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

[Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil]

de la Peña, Matt

A maldição dos ancestrais — Livro 4 / Matt de la Peña ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: Curse of the Ancients.

ISBN 978-85-65765-29-9

1. Ficção juvenil I. Título.

14-02804

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



Prólogo

SEMPRE QUE SERA VIAJAVA PELA HISTÓRIA com Dak e Riq, era uma coisa instantânea. Ela era sugada para uma espécie de vácuo, seu estômago ia parar na boca e seu corpo inteiro se transformava em partículas flutuantes em vez de um todo sólido e coeso — uma sensação que ia além de qualquer queda livre possível e imaginável. Então, quando sentia que estava prestes a vomitar, ela abria os olhos e já estava em outro lugar e outra época.

Esta viagem, no entanto, não está sendo como as outras.

Em vez de acelerar, o tempo parece em câmera lenta.

Ela se vê correndo em meio a ruas alagadas, sem fôlego, sob um céu de fim de tarde. Ao longe, tornados enormes devoram bairros inteiros. O Sol, vermelho como sangue, espreita a Terra a uma distância tão próxima que parece impossível, emanando descargas elétricas de seu núcleo, tornando

as rajadas de vento insuportavelmente quentes e úmidas. A chuva ácida cai com toda a força em pingos grossos. As pessoas espreitam pelas janelas nos andares mais altos. Todas com os olhos arregalados, gritando. Abraçadas umas às outras.

Sera, porém, não pode se dar ao luxo de parar e ajudar.

Ela precisa seguir em frente. Precisa chegar a seu destino antes que seja tarde demais.

Está sozinha, mas chegou ali acompanhada. Ilsa estava com ela. Ilsa, sua inimiga. Quando ela desmaiou, Sera a deixou para trás, prometendo que voltaria, que tiraria as duas dali em segurança.

Mas não agora. Sera tem algo a fazer primeiro.

A água que inunda as ruas sobe depressa e logo chega à altura da cabeça, forçando Sera a subir por uma escada de incêndio e se apoiar a uma parede. Ela respira fundo e observa a cena. O mundo está acabando. Bem diante de seus olhos.

Sera vê um pequeno bote motorizado amarrado a um caminhão de bombeiros abandonado. Não há ninguém ali. Ela mergulha e sai nadando freneticamente naquela direção. Corta a corda com um canivete, sobe a bordo e aciona o motor. Em questão de segundos está navegando em alta velocidade, dobrando as esquinas, desviando dos corpos que boiam com o rosto mergulhado na água. Alguns são de crianças. Outros, de idosos. Ela passa por homens agachados em cima de carros levados pela correnteza. Como zumbis, eles não têm nenhuma expressão no rosto.

Um deles se vira e olha direto para Sera, provocando nela

um calafrio. Naqueles olhos sem vida, ela enxerga a verdade sobre o Cataclismo.

Não é apenas a desintegração do mundo, mas das pessoas também.

Neste momento, Sera percebe que está gritando. Gritando e chorando em cima do bote, berrando para quem quiser ouvir:

— Alguém nos ajude! Isso não pode estar acontecendo!

Mas está.

Ao redor, tudo o que ela vê são caminhões militares tombados, restos carbonizados de árvores destruídas e pessoas arrancadas de suas casas pela força da enchente. Crateras se abrem na crosta terrestre, rachando as estradas e engolindo edifícios inteiros; pessoas fogem em busca de ajuda, gritando os nomes de entes queridos que se foram.

Sera testemunha tudo isso enquanto segue na direção da rua em que passou sua infância.

Ela desacelera o motor ao se aproximar de sua antiga casa, depois pula na água e segue pela calçada alagada, temendo os horrores que encontrará quando entrar, o que verá lá dentro, o que...

Quando ela estende a mão trêmula para a maçaneta, porém, a memória se esvai.

1



Alertas de tempestade

SERA ABRIU OS OLHOS E PISCOU ALGUMAS VEZES.

Estava ajoelhada no chão de terra, completamente sem fôlego, apertando com força o Anel do Infinito junto ao peito. A primeira coisa que viu foi uma mulher de pele morena vestida com uma túnica *huipil*, segurando um bebê em cada braço e caminhando com pressa na direção do que parecia uma espécie de templo antigo. Um menino e uma menina, ambos mais novos que Sera, passaram correndo, seguidos por um homem com um cocar elaborado.

Sera se virou para Dak e Riq. Eles observavam a mesma coisa: dezenas de pessoas se deslocando às pressas, tentando fugir de alguma coisa.

Mas o quê?

O coração de Sera ainda estava acelerado.

As viagens no tempo em geral produziam efeitos colate-

rais em seu corpo, mas aquela tinha sido diferente. Parecia ter liberado parte de suas lembranças reprimidas do Cataclismo. Em uma missão anterior, ela tinha accidentalmente viajado para o futuro e testemunhado o início do fim do mundo. Quando voltou, porém, estava tão traumatizada com a experiência que só conseguia se lembrar de alguns detalhes, como se seu subconsciente a estivesse protegendo de algo que ela não seria capaz de suportar. Portanto, tecnicamente, ela não mentiu quando disse a Dak e Riq que não tinha nada interessante para contar a respeito de sua viagem sem eles.

No entanto, agora que sabia que tinha ido até sua casa, estava desesperada para se lembrar do que tinha visto lá dentro. Por que não estava conseguindo?

Sera resolveu deixar o Cataclismo de lado por um tempo e tentou se concentrar nos arredores. Os três estavam parcialmente escondidos atrás de uma fileira de árvores. O céu estava nublado. O ar parecia limpo, como ficava às vezes antes de chover.

— Cara, por que você está chorando?

Sera se virou e viu que Dak estava olhando para ela.

— Não estou chorando — ela disse, endireitando a postura. — Por que estaria?

— Hã, não sei — respondeu ele. — Por isso que eu perguntei.

Sera descartou a ideia com um aceno e se levantou, passando a mão disfarçadamente pelo rosto e sentindo as lágrimas molharem as pontas dos dedos.

— Eu *não* estou chorando! — ela repetiu para o melhor amigo. — Vai ver é a viagem no tempo, que está castigando a gente cada vez mais. Você nunca parou para pensar nisso, Dak?

— Para mim está cada vez mais difícil, com certeza — concordou Riq. Ele fez um aceno discreto com a cabeça em solidariedade.

Dak se levantou também.

— Em que época nós estamos, aliás? Deveria ter um monte de conquistadores espanhóis por aqui, não? E frades franciscanos. Esse pessoal já estava todo na península de Yucatán em 1562. Só estou vendo maias assustados por aqui.

Sera observou as pessoas que se dirigiam às pressas para o templo logo em frente. Dak tinha razão, eram todos maias. Ela olhou para o Anel do Infinito. Eles deveriam ter viajado para 1562. As coordenadas tinham sido programadas corretamente, com certeza.

— Quem está com o SQuare? — Riq perguntou.

Sera entregou o dispositivo para ele e informou:

— De acordo com a tela, estamos em Izamal. Não sei o que deu errado.

Riq examinou os dados na tela e em seguida saiu de trás das árvores para abordar um menino que passava.

— Com licença, amigo — ele falou em uma língua cheia de consoantes que o dispositivo de tradução de Sera demorou um pouco para decifrar. — Aonde todos estão indo?

O menino começou a andar mais devagar. Depois de medir dos pés à cabeça os três viajantes do tempo, ele gritou:

— A grande tempestade está chegando! Todos precisam procurar abrigo agora mesmo!

Então se virou e saiu correndo outra vez.

Sera olhou para Dak e Riq. Havia algumas nuvens escuras no céu, mas nada de extraordinário. Com certeza, nada que pa-recesse uma “grande tempestade”. Pelo que aprendera na escola, ela sabia que os maias eram extremamente supersticiosos. Talvez alguma coisa tivesse dado errado em uma de suas cerimônias.

Dak devia estar pensando a mesma coisa, pois sacudia a cabeça sem parar.

— Que engraçado, pensei que a gente é que precisaria correr para se salvar. — Ele se virou para Riq e Sera, clara-mente se preparando para mais uma de suas exposições infames sobre fatos históricos. — Vocês sabem que os maias são considerados uma civilização violenta e hedonista, né? Eles faziam sacrifícios humanos, estavam sempre em guerra e co-miam o coração dos membros mortos da família.

— Nunca li nada a respeito de comer corações — rebateu Riq.

— Tudo bem, pode ser que a última parte não seja verdade, mas...

— Já chega, Dak — interrompeu Sera.

— Como assim? A maior contribuição deles para o mun-do foi o Grande Códice Maia. E ele só é considerado impor-tante porque traz um alerta sobre a maldição, dizendo que o nosso mundo está a caminho de um Cataclismo...

— ... e que a nossa única esperança é um grupo que um

dia seria conhecido como SQ — completou Riq. — Todos nós lemos os mesmos livros de história, Dak.

Sera fez uma careta diante da menção ao Cataclismo. Ela se viu de novo tentando abrir a porta de casa. E tudo voltou a se apagar. *Concentre-se no aqui e agora*, ela disse para si mesma, tomindo o SQuare das mãos de Riq e reexaminando as instruções. Elas pareciam bem claras. “Ajuda aos maias. 1562.” E depois uma série de coordenadas para o Anel.

Dak apoiou a mão no ombro de Sera e fez um sinal na direção de Riq.

— Eu gostava mais de quando a gente odiava esse cara.

— Isso nunca aconteceu — respondeu Sera.

— Ah, comigo aconteceu.

— E pode ter certeza — disse Riq — de que o sentimento era correspondido.

— Seria bom se a gente pudesse voltar no tempo e recomeçar... — comentou Dak. Ele cutucou Sera com o cotovelo e abriu um sorriso abobalhado. — Entendeu? Voltar no tempo?

— Ele apontou para o Anel do Infinito, que Sera mantinha guardado em segurança dentro de uma bolsa amarrada à cintura.

— Como você é infantil — disse Riq.

— E você é um palhaço!

— Parem com isso — repreendeu Sera. — Por favor. Eu preciso pensar. Se os conquistadores não estão por aqui, como Dak falou, podemos estar na época errada. O local sem dúvida está certo.

— Você acha que não estamos em 1562? — Riq perguntou.

— Acho que não.

Sera olhou para a tela do SQuare. Deveria haver alguma explicação científica para aquilo. A ciência nunca a havia deixado na mão.

— Não tem como a gente estar no ano certo — Dak garantiu. — É só olhar para o templo ali na frente. Se fosse 1562, ele já teria sido transformado em uma igreja. A primeira coisa que os franciscanos fizeram quando vieram da Espanha foi instalar suas igrejas onde antes funcionavam os templos. Eles queriam ensinar aos nativos que existiam outros modos de vida. Não acredito que vocês não sabem disso!

— Pega leve, Dak — Sera avisou. — A minha paciência está no limite.

Nesse exato momento, um trovão soou no céu logo acima deles.

Uma garoa começou a cair.

Sera olhou para cima, protegendo os olhos com a mão livre. As nuvens pareciam bem mais escuras e o vento estava mais forte. Os maias continuavam passando apressados pela trilha branca mais à frente.

— Procurem abrigo! — gritou um homem. — A grande tempestade está chegando.

Que “grande tempestade” é essa?, pensou Sera. O que aquele pessoal sabia sobre meteorologia, afinal? Mesmo no futuro, dispondi dos melhores equipamentos já produzidos pela humanidade, os meteorologistas só acertavam um terço das previsões.

— Vamos — chamou Riq. — A gente precisa encontrar um lugar para se proteger da chuva. E também fazer alguma coisa a respeito dessas roupas típicas japonesas.

— Ser um samurai foi divertido enquanto durou — Dak comentou em tom de lamento.

Quando saíram de trás das árvores e começaram a cruzar a trilha, Dak cutucou o ombro de Sera.

— Parecia mesmo que você estava chorando. Foi porque o Anel trouxe a gente para a época errada?

Sera sacudiu a cabeça e manteve o olhar adiante. Ela precisava parar de pensar no Cataclismo. Eles tinham muito trabalho pela frente.

— Você teve uma daquelas Reminiscências?

— Eu não estava chorando, Dak! — ela gritou. — Agora me deixe em paz.

— Nossa — Dak murmurou. — Não precisava da patada. Só queria saber se você está bem.

Um relâmpago rasgou os céus, seguido pela explosão de outro trovão. Os três começaram a correr.

Sera seguiu Dak e Riq até algumas cabanas de pedra, sem esquecer os detalhes tenebrosos do que tinha visto e ouvido do Cataclismo. Os gritos de desespero, as sirenes incessantes. Os tremores violentos do chão a cada poucos minutos.

Eles precisavam corrigir as Fraturas de qualquer jeito.

E viajar para a época errada não era exatamente um início promissor.